

PÓLO REGIONAL OU CLUSTER: O CASO DO MUNICÍPIO DE RIO VERDE, GOIÁS - BRASIL

Antenor Roberto Pedroso da Silva

Pedroso@doodle.dr.ufu.br

Mestrando em Agronegócios pela Universidade Federal de Goiás

RESUMO

Nos últimos anos, o rápido crescimento e a industrialização do município de Rio Verde, no estado de Goiás, vem chamando a atenção de estudiosos. Os projetos desenvolvidos na cidade, a mudança cultural e as modificações introduzidas no campo fazem com que cada vez mais pesquisadores se voltem a estudar esse fenômeno de industrialização. No entanto, percebe-se uma dificuldade para se enquadrar teoricamente o município. Este artigo visa ajudar a decifrar o enquadramento teórico da região, usando referências e caracterizando o município, para que, em estudos futuros, seja mais fácil definir esse enquadramento.

Palavras-chave: Agronegócio, Clusters, Pólos Regionais, Goiás, Desenvolvimento Regional

REGIONAL POLO OR CLUSTER: THE CASE OF RIO VERDE MUNICIPAL DISTRICT, GOIÁS - BRASIL

ABSTRACT

During the last few years, the fast growth and the industrialization of Rio Verde municipal district, in the state of Goiás, has drawn the attention of researchers. The projects developed in the city, the cultural change and the modifications introduced in the field make more and more researchers turn their attention to the industrialization phenomena again. However, there has been difficulties to theoretically classify the municipal district. This article seeks to help to decipher the theoretical framing of the area, using references and characterizing the municipal district, so that, in future studies, it will be easier to identify this classification.

Key-word: Agibusiness, Clusters, Regional Poles, Goiás, Regional Development

INTRODUÇÃO

A cidade de Rio Verde, localizada na Microrregião sudoeste do Estado de

Goiás vem sendo alvo de uma avalanche de estudos e reportagens a seu respeito. Desde a decisão da agroindústria Perdigão Agroindustrial S/A de instalar uma indústria de processamento e

Recebido em 22/07/2003

Aceito para publicação em 02/09/2004

beneficiamento de carnes de aves e suínos no município, milhares de migrantes passaram a chegar na cidade.

Os estudiosos não ficaram atrás e, desde então, foram feitos diversos artigos e estudos visando as relações empresariais e populacionais do município. O que mais chama a atenção nesses estudos é uma divergência no que tange à classificação teórica do município. Alguns autores o enquadram como um cluster, de PORTER. Outros, o enquadram como Pólo, de PERROUX.

Esse trabalho visa tentar enquadrar definitivamente as relações existentes entre os diversos atores envolvidos no crescimento do município e delimitar o mesmo entre pólo ou cluster. Ele não tem interesse de dar uma versão definitiva para o problema deste enquadramento, mas visa ajudar na resolução do mesmo, apresentando uma revisão bibliográfica sobre o assunto e tentando definir onde o município se enquadra com mais precisão.

Vale ressaltar que este estudo não se refere à Região Sudoeste do Estado de Goiás e sim, somente, do município de Rio Verde, sem se importar com as

relações existentes entre este e os outros municípios da Região.

Definição de cluster

O conceito de cluster relaciona-se à idéia de aglomerado de empresas vinculadas industrial ou comercialmente. De acordo com PORTER (2001), são aglomerados geográficos de empresas de determinado setor de atividades e outras empresas correlatas. Os clusters são típicos de determinados segmentos e regiões e não genérico, como pode ser observado no Vale do Silício e na região de Hollywood, ambos na Califórnia, EUA. Por outro lado, envolvem tanto características de cooperação como de competição.

Já para HADDAD (1999), os clusters consistem de indústrias e instituições que tem ligações particularmente fortes entre si, tanto horizontal quanto verticalmente e, usualmente, incluem: empresas de produção especializada; empresas fornecedoras; empresas prestadoras de serviços; instituições de pesquisa; instituições públicas e privadas de suporte fundamental. A análise dos clusters focaliza os insumos críticos, num sentido geral, que as empresas geradoras de renda e de riqueza necessitam para serem dinamicamente competitivas. A essência

do desenvolvimento de clusters é a criação de capacidades produtivas especializadas dentro de regiões para a promoção de seu desenvolvimento econômico, ambiental e social.

Normalmente, estes tipos de aglomerados ou cadeias se expandem em direção aos clientes e canais de distribuição e atraem para si empresas fabricantes de produtos complementares e serviços afins. Assim, em que pese a globalização comercial dos dias de hoje, os clusters apresentam algumas características que os estimulam, como sejam o maior acesso à fornecedores, o acesso a sistemas de informações especializados, o marketing vinculado à fama, o acesso equivalente à instituições e bens públicos, o estímulo à inovação pela competição existente e a melhoria da motivação e da avaliação de desempenho das empresas participantes.

Segundo WEDECKIN (2000), o elemento central de um Agricluster é a cadeia produtiva, em torno do qual se organizam os clientes e canais de distribuição, a indústria de insumos e de fatores de produção especiais, a infra-estrutura especializada, que fornece a logística para a redução do custo por inteiro, uma rede de prestadores de serviço, as associações

e entidades de apoio, universidades e institutos de pesquisa, o serviço de treinamento e a capacitação da mão-de-obra. Esse conjunto de elementos deve se integrar para permitir o crescimento do agricluster como um todo.

A importância dos Clusters reside no fato de que a concorrência moderna depende em alto grau da produtividade e não do acesso a insumos ou da economia de escala de empreendimentos isolados, sendo esta produtividade dependente do grau de sofisticação da gestão das empresas, a qual é fortemente influenciada pelas condições do ambiente empresarial local vinculadas aos diferentes Clusters. Assim, de acordo com PORTER (2001), os Clusters afetam a maneira das empresas competirem de três formas principais: aumentando a produtividade das empresas sediadas na região; indicando a direção e o ritmo da inovação que sustentam a produtividade futura; e estimulando a formação de novas empresas, o que reforça o próprio Cluster.

Conforme foi descrito por HADDAD (1999), em seu estudo denominado A Competitividade do Agronegócio: Estudo de Clusters, o roteiro metodológico

adotado para estabelecer a análise de clusters nos estudos efetuados foi:

1. Delimitação da área geográfica relevante: para delimitar a área geográfica de cada cluster, podem ser utilizados três critérios de regionalização:
 - a) Área homogênea: um espaço caracterizado pela homogeneidade física, econômica, cultural, social, etc;
 - b) Área polarizada: um espaço caracterizado por um núcleo de atividades que polariza uma área de influência;
 - c) Área-programa: um espaço caracterizado pela definição político-institucional de intervenção programática.
2. Indicadores de performance setorial (produção, produtividade, qualidade): todos indicadores devem ser levantados para a região relevante e comparado com regiões concorrentes no país e no exterior. Cada indicador deve ser definido tecnicamente e registradas as fontes de dados. Quando possível, os indicadores devem ser preparados por municípios da região relevante;
3. Aglomerados ou complexos produtivos: para cada cluster deve ser preparada a estrutura de seu complexo produtivo;
4. Serviços de suporte empresarial ao cluster;
5. Suporte fundamental: como logística, telecomunicações, sistemas educacionais de qualidade, etc;
6. Indicadores de desenvolvimento social da região onde opera o cluster: principalmente o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano -, divulgado pela ONU – Organização das Nações Unidas.
7. Indicadores ambientais: manejo de dejetos produzidos, reciclagem de resíduos;
8. Desenvolvimento de cultura organizacional: qualificação do empresariado, técnicas de gestão e planejamento estratégico;
9. Demanda e necessidade de insumos de conhecimento, de pesquisa e de ciência e tecnologia no cluster;

10. Mecanismos de inserção da Embrapa e do CNPq.

Sendo assim, podemos afirmar que uma região pode ser considerada um cluster quando tiver a conformação explícita nos três diagramas apresentados e nos itens enumerados acima, o que inviabilizaria um município ser um cluster, pois as estruturas envolvidas para delimitar um cluster são maiores do que a delimitação geográfica de um município. Pelo que podemos perceber na discussão que foi feita, um cluster é definido como uma região econômica que não envolve fronteiras delimitadas, tornando inviável o enquadramento de um município como um cluster completo.

Definição de Polos

Há tempos os geógrafos, economistas e estudiosos percebem que certas regiões possuem características especiais que lhes propiciam um desenvolvimento maior em determinadas áreas em detrimento de outras. Essas áreas, por terem a geografia mais apropriada ou por ter recursos naturais mais abundantes acabam se desenvolvendo mais, seja espontaneamente ou por planejamento. Como exemplo, temos algumas áreas escolhidas pelos economistas russos para

planificarem as indústrias soviéticas, como a Ucrânia e os Montes Urais.

Tendo por base o conhecimento dessas áreas, PERROUX (1967) desenvolveu sua Teoria dos Pólos de Desenvolvimento, teoria segundo a qual o crescimento econômico não se faz de forma abrangente por todo espaço econômico de um país, mas sim em certos pontos, a que chamamos de Pólos de Crescimento, com variações em sua intensidade, daí se expandindo por diversos ramos com efeitos terminais variáveis sobre a economia do espaço.

Assim, para PERROUX (1967), o crescimento econômico é próprio de áreas favorecidas de variadas circunstâncias, onde surge uma indústria motriz e, como consequência, como reflexo da ação desta indústria, o crescimento se propaga, se expande, beneficiando as regiões que a cercam, que são para elas polarizadas.

Segundo o autor, o pólo de crescimento surge devido ao aparecimento de uma indústria motriz, considerando como tal aquela indústria que, antes das demais, realiza a separação dos fatores da produção, provoca a concentração de capitais sob um mesmo poder e decompõe tecnicamente as tarefas e a

mecanização. Em geral, a indústria motriz em sua ação de obtenção de matérias-primas, de ponto de atração de mão-de-obra e de produtora de um ou de uma série de produtos dinamiza a vida regional, provocando a atração de outras indústrias, criando aglomeração de população que estimulará o desenvolvimento de atividades agrícolas e pecuárias nas áreas fornecedoras de alimentos e de matérias-primas. Desenvolve a formação de atividades terciárias proporcionais às necessidades da população que o cerca, que se instala em sua área de influência. É desse contexto que surge o que PERROUX (1967) chama de complexo industrial e que se caracteriza pela presença de uma indústria-chave, pelo regime não concorrencial entre as várias indústrias existentes e pela aglomeração territorial.

Resumindo, podemos afirmar que para PERROUX (1967), o pólo é o centro econômico dinâmico de uma região, de um país, ou de um continente, e que o seu crescimento se faz sentir sobre a região que o cerca. O desenvolvimento regional estará, assim, sempre ligado ao do seu pólo.

Embora PERROUX (1967) tenha desenvolvido a sua Teoria da Polarização em função da indústria, o mesmo admite que a força motriz também pode se estender a atividades primárias. Há autores, porém, como KAYSER (1966) que fazem distinção rígida entre zonas de desenvolvimento e pólo, só admitindo o segundo quando se refere a uma cidade. Não existiriam, assim, pólos agrícolas, mas zonas de desenvolvimento agrícola. Para KAYSER (1966), o pólo seria sempre comercial ou industrial.

Segundo ANDRADE (1987), uma dúvida pode ser levantada quanto à dificuldade de se aplicar a Teoria dos Pólos de Desenvolvimento às regiões e aos países subdesenvolvidos. Poder-se-ia dizer que a ausência de uma rede urbana e as deficiências de vias de transportes e de comunicação dificultariam a formação dos pólos, em consequência da dificuldade que criaria aos fluxos regionais. Assim, o pólo terá sua região mais ou menos extensa, conforme a quantidade e a qualidade dos equipamentos industriais e de serviços que possuir e a estrutura de comunicações e de transporte que dispuser.

Para FRIEDMANN (1961), existem dois tipos de critérios que podem ser utilizados em uma análise regional, a saber: critérios de homogeneidade e

critérios de interação. Quanto ao primeiro, o autor destaca a região concebida de acordo com uma de suas características, podendo ser, clima, vegetação, topografia, solos, hidrografia, tipo de agricultura, cultura, entre outros aspectos. Como crítica a este critério, o autor assim a expõe: “Embora, na verdade muitas características de uma mesma região se apresentem inter-relacionadas, [...] muitas dessas tentativas falham em conseguir razoável harmonia de opiniões sobre as linhas exatas por onde deveriam passar os limites regionais”. Já no que concerne às regiões de interação, o autor as delimita como na base da ação recíproca das atividades sociais e econômicas. Na visão de FRIEDMANN (1961), isto ocorre porque “estas atividades sociais e econômicas se orientam rumo a centros de atividades (cidades) e que algumas áreas são orientadas de modo mais intenso na direção de um centro do que na de outro”. Portanto, neste critério incluem-se: mercadorias e serviços, tráfego, investimentos de capitais, além de outros aspectos. Especificamente, para as regiões homogêneas, têm-se as bacias hidrográficas; estas caracterizadas pelo autor como um tipo de região cada vez mais comum sendo, porém, um conceito tido como ambíguo.

Sendo assim, para FRIEDMANN (1961) a mesma não passa de uma extensão da cidade propriamente dita, podendo incluir também áreas predominantemente rurais. O importante nesta caracterização é que “[...] a economia da área que circunda a cidade é sempre estreitamente ligada à da própria cidade”. O que o autor descreve é que, para as regiões urbanas, o que interessa são as interações das

atividades sociais e econômicas, não, necessariamente, levando-se em conta as fronteiras políticas.

A região urbana em muito se assemelha ao conceito de região polarizada descrito por PERROUX (1967):

[...] na medida em que nos afastamos da cidade central, as relações sociais e comerciais entre as áreas por nós atingidas e a referida cidade se tornam progressivamente mais fracas, enquanto já se vai sentindo a influência de uma outra cidade. [...] Será importante indicar que as cidades e regiões urbanas se nos apresentam como que em ordem hierárquica, as cidades maiores 'dominando' as menores, por prestarem um número maior de serviços a uma área mais ampla.

Caracterização do Município de Rio Verde

Elevada à Freguesia em 05 de agosto de 1882, Rio Verde é, hoje, um dos municípios mais promissores do Estado de Goiás.

Com uma topografia plana, clima estável e chuvas regulares, aliados à fertilidade de suas terras e ao uso de tecnologia avançada, o município constitui-se num importante pólo brasileiro de produção agropecuária, destacando-se nas culturas de soja, milho, arroz, feijão, sorgo, algodão e tomate, bem como na

expressiva quantidade de víveres, especialmente bovinos de corte e leiteiros, e um setor de hortifrutigranjeiros em crescimento.

À matéria-prima abundante para agroindústrias, somam-se à disponibilidade de mão-de-obra qualificada e de suporte político-econômico, além da localização privilegiada do município (eixo equidistante das capitais do Centro-Oeste e do Triângulo Mineiro e próximo do porto fluvial de São Simão). Acresce-se, ainda, a existência de uma ampla malha rodoviária, de um vôo diário na rota São Paulo - Rio Verde - São Paulo, e, em implantação, vôos regulares ligando Rio Verde a Goiânia e Brasília. Deve-se destacar, também, que com a criação da Ferrovia Norte-Sul, que cortará a região Sul de Goiás, vários municípios serão beneficiados, colocando o setor agrícola e os parques industriais desta área de influência em condições privilegiadas para buscar eficiência e produtividade. Estes aspectos, aliados ao apoio que o Governo Municipal vem dando em obras de infra-estrutura e investimentos no setor social, tornam Rio Verde um município altamente estimulador para a implantação de projetos agroindustriais.

De fato, as potencialidades econômicas do município têm atraído investimentos de grandes grupos empresariais por apresentar as condições necessárias para a integração do capital industrial ao setor agrícola. O resultado deste processo representa uma significativa melhoria nas possibilidades de agregação e desenvolvimento regional. A população do município é formada por pessoas de

várias procedências. As famílias pioneiras se juntaram a migrantes de diversas regiões do país e imigrantes de vários países.

Segundo o IBGE, a população do município, de acordo com o censo de 2000, é de 116.559 habitantes, sendo que 90% residem na zona urbana e 10% residem na zona rural (Quadro 1).

Quadro 1

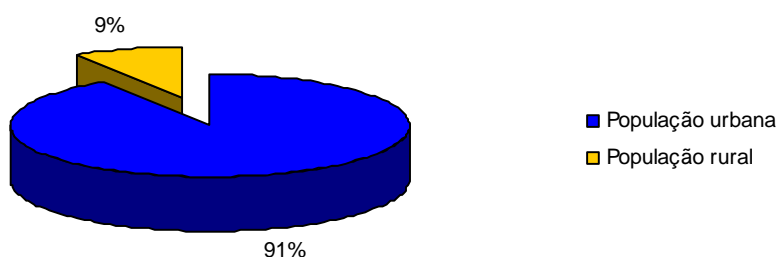
População rio-verdense: distribuição por sexo, residência e densidade demográfica (2000)

	1996	1999	2000
População total	100.586	107.755	116.578
População masculina	50.381	-----	52.735
População feminina	50.205	-----	53.383
População urbana	90.598	97.302	106.118
População rural	9.988	10.453	10.460
Densidade demográfica	11,91 hab./Km ²	12,8 hab./Km ²	13,85 hab./Km ²

Fonte: IBGE/Rio Verde - GO.

Figura 1

Participação da População Rural e Urbana de Rio Verde, em 2000



Até o ano de 1996, a renda do município vinha basicamente do cultivo de grãos,

como soja e milho, e da criação de gado bovino de corte. Durante aquele ano, a

empresa Perdigão Agroindustrial S/A procurou o município para negociar a instalação de uma indústria sua em Rio Verde. A empresa justificava que a escolha do local é porque teria facilidade de encontrar matéria prima para a produção e facilidade na distribuição dos seus produtos. Lançou, então, o Projeto Buriti, que seria a construção da Indústria e de sua cadeia de fornecedores de matérias primas.

Rio Verde é o maior produtor de grãos do estado, maior arrecadador de impostos sobre produtos agrícolas e centro difusor de novas tecnologias. A produção agrícola do município atinge a um milhão de toneladas por ano nas mais variadas culturas, como arroz, algodão, soja, milho, sorgo, milho, feijão, girassol, etc. hoje a área plantada ultrapassa a 230 mil hectares, conforme demonstrado na Quadro 2.

Quadro 2

Principais produtos agrícolas de Rio Verde (1999)

Culturas Temporárias	Área (ha)	Produção (t.)	Produtividade (Kg/ha)
Arroz	3.000	6.000	2.000
Algodão	3.000	6.990	2.330
Feijão	3.000	6.000	2.000
Milho	60.000	290.000	4.833
Soja	175.000	507.500	2.900
Sorgo	35.000	73.500	2.100
Tomate	1.000	80.000	8.000
Total	280.000	969.990	---

Fonte: IBGE LPSA

Esses números na agricultura de Rio Verde são resultado da utilização de tecnologia de ponta, mecanização de última geração, aliadas à profissionalização do produtor e à união da classe produtora em diferentes entidades, como a Associação dos

Produtores de Grãos (APG), Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano (COMIGO), Clube dos Engenheiros Agrônomos (Ceagro), Clube dos Amigos da Terra (CAT), Sindicato Rural de Rio Verde, Centro Federal de

Educação Tecnológica de Rio Verde (CEFET), Fundação do Ensino Superior de Rio Verde (FESURV) e a Faculdade Almeida Rodrigues (FAR), que juntos buscam a alta tecnologia na produção e a profissionalização dos atores envolvidos na área.

Tão expressiva produtividade é obtida sem agressões ao meio ambiente. Cerca de 90 % das culturas são feitas no sistema de Plantio Direto, o que favorece a preservação ambiental, evitando erosões e assoreamento dos rios, córregos e lagos.

Rio Verde possui a Central de Recebimento de Embalagens de Defensivos Agropecuários, primeira unidade em Goiás, licenciada pelos órgãos ambientais e que atua num raio de 200 quilômetros.

A capacidade dos armazéns do município é quase um milhão de toneladas. O Quadro 3 mostra os locais que estão disponíveis e a quantidade que pode ser armazenada por cada local. A disputa dos armazenadores pela preferência do produtor resulta em unidades modernas, seguras e cada vez mais próximas dos campos produtores, facilitando o transporte e diminuindo os custos. Boa parte destes produtos é beneficiada no próprio município.

Primeira atividade econômica do município, a pecuária é ainda um importante setor para a economia local. O constante melhoramento genético do rebanho faz com que Rio Verde seja uma referência do setor no Estado. Com 480 mil animais, o município possui o segundo maior rebanho bovino de Goiás.

Quadro 3

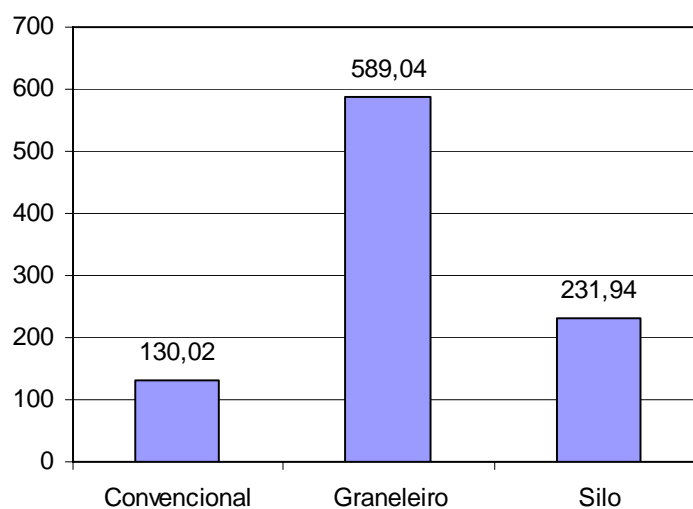
Capacidade Armazenadora de Rio Verde, em toneladas (2001)

Unidades armazenadoras	Capacidade
CONAB	74.614
Cooperativa (COMIGO)	188.380
Particular	607.704
Outros	80.302
Total	951.000

Fonte: IBGE/Rio Verde - GO

Figura 2

Estrutura de armazenagem em Rio Verde (mil ton.)



A ótima qualidade do gado do município faz com que ele seja o maior produtor de leite de Goiás, produzindo 56 milhões de litros por mês. Praticamente toda a produção é comercializada no próprio município, que conta com quatro grandes laticínios e outros de menor porte.

Outros tipos de criação de animais também tem apresentado acelerado crescimento na região. Com a instalação da Perdígão Agroindustrial S/A, multiplicou, se o número de criadores de aves e suínos. O Quadro 4 mostra a

quantidade efetiva de animais criados no município e a sua distribuição pelas diversas criações. O destaque comum a ambas as criações é a utilização do que existe de mais moderno e científico nas suas práticas e manejos.

A cidade possui um frigorífico que abate 20 mil cabeças de gado por mês, abastecendo o mercado interno e externo. Dez por cento da sua produção são feitas para exportação. Atualmente, a empresa está investindo na criação de

uma marca própria e no abate de carne de carneiro.

Quadro 4

Efetivo animal e produção do setor pecuário de Rio Verde (2001)

Espécies	Cabeça (u.a.)	Espécies (u.a.)	Cabeça (u.a.)
Bovinos	480.000	Aves	414.000
Vacas ordenhadas	40.050	Eqüinos	8.500
Suínos	104.680	Caprinos	800
Produção de leite 55.750.000 litros/mês			
Ovos de galinha 5.455.000 dúzias/mês			

Fonte: IBGE/Rio Verde - GO

Obs.: quando a empresa Perdigão estiver trabalhando com sua capacidade total, deve-se acrescentar à produção de aves mais de 1 bilhão de unidades ao ano e de suínos mais 1,260 milhão de unidades ao ano.

Rio Verde possui comércio forte e competitivo, suficiente para atender a demanda da população local e regional. Para tanto, conta com uma grande estrutura de agências bancárias, supermercados, lojas diversas e um dos maiores parques industriais do Centro-Oeste. Recentemente, o governo municipal entregou um distrito industrial construído para abrigar apenas as pequenas e médias empresas do município.

Em unidades, pelos dados do IBGE em 2002, Rio Verde possui cerca de 363 indústrias, 2.365 comércios instalados e 1,996 prestadores de serviço. Dentre essas empresas destacam-se cerealistas, algodoceiras,

armazéns gerais, laticínos e outras grandes empresas, principalmente as atraídas pela Perdigão.

Os valores de investimentos em Rio Verde, comparados aos principais projetos de investimentos em Goiás até 2004, concentram 61,8 % do total a ser investido pela iniciativa privada no Estado, considerando apenas os grandes projetos, conforme demonstrado na Quadro 5. A significativa participação do município de Rio Verde na alocação dos investimentos privados reafirma a potencialidade e pujança do município.

Em decorrência destes investimentos e de outros, que certamente ocorrerão

através de empresas atraídas pelo potencial do município, estima-se a geração, até 2004, de aproximadamente 15 mil empregos, entre diretos e indiretos.

Quadro 5

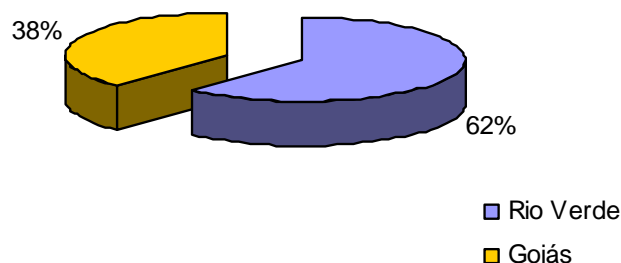
Principais Projetos de Investimentos Privados em Rio Verde até 2004

Projeto	US\$ milhões
Perdigão (aves e suínos)	500
Van den Bergh (atomatados)	250
Videplast (embalagens)	5
Grupo Orsa (embalagens)	30
Total	785

Fonte: SEPLAN-GO/SEPIN

Figura 3

Participação de Rio Verde nos Principais projetos de investimentos Privados de Goiás até 2004



CONCLUSÃO

Pelo que foi exposto no texto, com toda essa revisão bibliográfica que foi feita através de autores que descreveram as características dos pólos e dos clusters, chegou-se à conclusão que o município de Rio Verde é um Pólo de Crescimento

Regional, pelas três razões listadas abaixo:

- ✓ É um Pólo Regional porque, segundo amplamente debatido nas palavras de PERROUX (1967), Rio Verde possui ampla influência nos municípios que o cercam,

atraindo pessoas desses municípios que vem estudar, fazer compras, buscar lazer, etc. Com isso, o município passa a ser o centro mais importante de uma região, portanto, um Pólo Regional;

- ✓ Não pode ser cluster, pois não possui todos os requisitos para ser enquadrado como cluster, segundo do estudo de HADDAD, dentre eles: mecanismos de estrutura organizacional em torno do cluster e mecanismos de pesquisa, como Embrapa e CNPq, sendo que estes estão presentes em Santa Helena e Jataí, cidades vizinhas à Rio Verde;
- ✓ Não é Pólo Regional de Desenvolvimento, pois os habitantes da cidade ainda não estão obtendo benefícios, como uma maior distribuição de renda por parte da grande empresa instalada no município e nem melhoria nos serviços públicos, portanto, a cidade não está se desenvolvendo ainda;
- ✓ É um Pólo de Crescimento porque Rio Verde ainda carece de muita

coisa para falarmos em desenvolvimento. Estamos na fase em que o município enfrenta um problema social muito sério, com falta de moradia, emprego e renda. O município começou a crescer, porém ainda está um pouco longe da fase de desenvolvimento. Apesar dos números apresentados neste estudo, a realidade das pessoas que vivem no município ainda é bem diferente daquela que foi propagandeada quando da sua industrialização. Isso nos levou a acreditar que ele é um Pólo de Crescimento Regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, M. **Clusters como estratégia de desenvolvimento industrial no Ceará**. Fortaleza: 1998. Banco do Nordeste.
- ANDRADE, M. C. **Espaço, Polarização e Desenvolvimento**. São Paulo: 1987. Editora Atlas. 5ª Edição.
- FRIEDMANN, J.R.P., **Introdução ao planejamento regional**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1960.
- GOIAS (Estado). Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento

Regional. **Goiás em Dados 2002**. Goiânia, 2002.

HADDAD, P. (org). **A competitividade do agronegócio e o desenvolvimento regional no Brasil: Estudo de Clusters**. Brasília: 1999. CNPq/Embrapa.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores da Produção Agroindustrial 1990/2001**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

MORO, D.A., **A organização do espaço como objeto da geografia**. Geografia, Rio Claro, 15(1): 1-19, Abril 1990.

PEREIRA, S. L., XAVIER, C. L. (Org.). **O Agronegócio nas Terras de Goiás**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

PERROUX, F., **A economia do século XX**. Lisboa: Herder, 1967.

PORTER, M. **Estratégia Competitiva – Técnicas para Análises de Indústrias e da concorrência**. São Paulo, 2001. Editora Campus.

WEDECKIN, I. Os Agriclusters e a Construção da Competitividade Local. In: _____ **A Construção da Competitividade das Localizações**. Anais do I Congresso Brasileiro de Agribusiness. São Paulo, 2002. Pg. 43-55.

WEDECKIN, I. O Agricluster de Carnes de Aves e Suínos do Sudoeste de Goiás.

In: _____ **A Construção da Competitividade das Localizações**.

Anais do I Congresso Brasileiro de Agribusiness. São Paulo, 2002. Pg. 57-85.